

**A CASA DOS BUDAS DITOSOS, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO:
UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO
DO VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE**

Elias de Souza Santos (UNEB)
elias40_d@hotmail.com

RESUMO

A sexualidade, a língua e a literatura são elementos que traduzem a cultura de toda e qualquer comunidade. A língua é uma das maiores formas de manifestação e é a partir dela que muitas outras formas de expressão são concebidas, a exemplo, a sexualidade que pode ser anunciada através da língua de múltiplas maneiras. Contudo, o objetivo deste estudo é demonstrar como o autor João Ubaldo Ribeiro em sua obra intitulada “A casa dos budas ditosos”, aborda a sexualidade, fazendo uso de vários itens lexicais que revelam e refletem esse campo cultural. Sendo assim, buscar-se-á da referida obra, compreender como se estrutura o vocabulário no campo da sexualidade, em meio à luz dos estudos teóricos léxico-semânticos.

Palavras-Chave: Linguagem. Literatura. Sexualidade. Vocabulário.

1. Para princípio de conversa

Podemos conceber ‘cultura’ como sendo tudo aquilo que é aprendido socialmente e partilhado com os membros de uma sociedade. Sendo a cultura algo que é aprendido, ela necessita, obrigatoriamente, de uma linguagem e de um instrumento de comunicação que são inúmeras. Nesse sentido, a literatura, a língua e a sexualidade são formas de comunicação sociais, e que estas linguagens embrincadas tem sua maior visibilidade através do inventário do léxico, que reflete as manifestações do mundo.

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma sociedade, constitui no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. Na medida que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998, p. 7).

Seguindo essa direção, podemos reconhecer na obra literária de João Ubaldo Ribeiro, intitulada *A Casa dos Budas Ditosos*, o arcabouço vocabular, repleto de itens lexicais acerca da sexualidade que refletem ou revelam esse campo cultural na via de acesso, o texto, onde a comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua deixa transpare-

cer essa forma de manifestação cultural.

Segundo Almeida (2006) a língua se estrutura semanticamente a partir de campos lexicais. Dessa maneira, os vários campos de léxicos refletem a materialização dos vocábulos, sendo que os subconjuntos de palavras de um mesmo campo lexical vão pertencer ao mesmo campo de interesse ou do conhecimento.

Sendo assim, para Abbade:

As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais, elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Dessa maneira, para entender a lexia individualmente, é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, pois a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. (ABBADE, 2003, p. 27).

Assim sendo, buscou-se na obra de João Ubaldo Ribeiro *A casa das budas ditosas* publicada pela editora objetiva, de 1999, compreender como se estrutura o vocabulário no campo da sexualidade, em meio à luz de estudos teóricos léxico-semânticos.

2. *Lingua(gem), sexo e léxico: um relacionamento cultural*

O legado linguístico de um povo é a manifestação de um de seus maiores patrimônios. É na exposição da fala que conseguimos identificar a língua e a história linguística de cada civilização. Realizar estudos do léxico de uma língua é fazer conhecer a história social de um povo que faz uso da mesma. Cada vocábulo tem um significado próprio e cultural a depender do grupo social que os utilizam.

A língua é uma das formas mais genuínas de desvelar e revelar a identidade do indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Ao falarmos denunciamos quem somos, qual nosso grau de cultura, regionalidade, o que conhecemos de mundo e da própria língua. Dessa maneira, léxico e linguagem estão embrincados um ao outro, pois as formas de nomear as coisas manifestam os dados de nossa vivência cultural no espaço e no tempo, uma vez que: “o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura” (FARACO, 1991, p. 25).

Sendo a sexualidade uma das expressões culturais de um povo e

também uma das formas de expressão da linguagem, esta por sua vez reflete se na escrita e na fala a partir do componente léxico que, por sua vez é

a área de estudos da linguagem que mais amplamente espelha a realidade linguística, cultural, e social de uma comunidade [...] uma vez que ele é constituído por palavra e, somente, através dele é que se torna possível a transmissão de todo conhecimento adquirido e acumulado ao longo da história de um povo, nas mais variadas áreas do saber, de uma geração a outra. Assim sendo, a história de um povo, sua cultura, sua maneira de viver, ver e sentir o mundo são documentados através das escolhas lexicais que esse povo faz. (OLIVEIRA, 2009, p. 45).

Em suma, o componente lexical é uma das maiores vias de acesso que reflete os saberes e as práticas culturais de um povo e torna-se documento para se comprovar essas realidades intrínsecas, a sexualidade enquanto manifestação cultural a partir da linguagem, e o léxico enquanto componente que os e as refletem através da língua.

3. *A casa dos budas ditosos: para um quadro sinóptico*

A casa dos budas ditosos segundo o autor João Ubaldo Ribeiro, trata da edição de um depoimento a ele entregue via correio acompanhado de um bilhete assinado com as iniciais CLB. Informava que se tratava de um relato verídico, de uma senhora de 68 anos, nascida na Bahia e residente no Rio de Janeiro. Autorizava o autor publicar como obra sua, embora pedisse que fosse revelada sua verdadeira origem. “Não por vaidade” escreveu ela, “pois até as iniciais abaixo podem ser falsas, mas porque é irresistível deixar as pessoas sem saber no que acreditar”.

A obra relata o depoimento de CLB que carrega dúvida entre o ser ou não ser verdade as próprias iniciais, durante toda a obra é perceptível que a personagem foco não se deixou levar pelas imposições sociais, esta se ver liberta fazendo usufruto dos prazeres carnavais e da quebra de tabus impostas pela sociedade, relata suas aventuras sexuais, com homens, mulheres, parentes, bissexuais, homossexuais e outros.

O autor João Ubaldo já no prefácio do livro nos traz um enigma literário, talvez para fazer o leitor pensar ser um jogadão por parte dele para tornar o livro um atrativo ou se realmente este trata de um depoimento entregue a ele, concordemos com o que traz o marcador da obra

a nota preliminar tanto pode ser verdadeira quanto pode ser uma brincadeira literária. Talvez nunca se saiba com absoluta certeza e cada leitor forme sua

própria opinião – e não surpreenderia ter sido esta a intenção do escritor, de qualquer forma, o mistério em nada interfere, e talvez até realce. O relato sincero e sem pudores de quem soube (e sabe, pelo visto) viver todas as delícias de uma relação a dois, a três... bem, todas as delícias do sexo, sob uma óptica original, por vezes divertida e, sem dúvida, provocadora.

O escritor João Ubaldo Ribeiro com toda sua maneira criativa em seu livro faz vir à tona em todo o enredo da obra, um vocabulário da sexualidade que se reflete culturalmente em sociedade, nos faz perceber como o mundo a nossa volta é nomeado, especificamente, no campo da sexualidade. Dessa maneira, esse vocabulário é que nos interessa para o presente estudo.

4. *A casa dos budas ditosos: vocabulário da sexualidade*

Utilizando-se da teoria dos campos léxico-semânticos, buscou-se na obra de João Ubaldo Ribeiro “A casa dos budas ditosos” entender como este pautou as lexias referentes ao campo da sexualidade.

Visa-se aqui esclarecer ou apresentar o que é teoria dos campos lexicais e semânticos. Campos lexicais são concebidos como o conjunto que envolve unidades lexicais inseridas em uma mesma área de significação, esclarece Abadde (2011) “Os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico”.

Os campos semânticos são os conjuntos de possibilidades que uma mesma palavra ou conceito tem de ser empregada(o) em diversos contextos, ou seja, o conjunto de palavras unidas pelo sentido.

Assim, quando se faz um estudo do léxico, utilizando-se dos campos léxico-semânticos, é possível visualizar como são organizadas as unidades lexicais que retratam a experiência do homem, assim como a dinamicidade linguística concebida através da língua, assim sendo, a maneira como os indivíduos pensam o mundo, como movimentam e intercalam os traços culturais e que se refletem no léxico.

Buscou-se estabelecer alguns critérios para a organização do vocabulário da sexualidade neste trabalho que foram:

- As lexias foram distribuídas categoricamente em subcampos dentro do campo semântico estudado;

- As entradas foram realizadas em caixa alta e negritada;
- As lexias compostas foram classificadas como locuções;
- Palavras substantivas foram concebidas no masculino ou feminino singular;
- Os verbos tiveram sua entrada no infinitivo;
- As lexias seguem como constam os dicionários;
- Os exemplos são realizados como constam a referida obra sob análise;
- A significação da lexia ou locução se insere dentro do contexto específico da obra sob análise;
- Destacaram-se as lexias dos exemplos retirados da obra em negrito.

5. *Conjunto léxico-semântico da sexualidade*

5.1. *Microcampos: Das genitálias*

Órgão genital – loc. adj. ‘conjunto dos órgãos reprodutores’ → ‘órgãos sexuais externos’.

“Os noivos, antes do casamento, iam lá para venerar as estátuas e passar as mãos nos **órgãos genitais** delas” (p. 14).

Glande – s.f. ‘extremidade do pênis ou do clitóris’.

“Em Roma antiga, houve um tempo em que as noivas acariciavam a **glande** de príapo, ou se sentavam nela” (p. 16).

Falo – s.m. ‘representação do pênis, símbolo da força geradora e da fecundidade da natureza’. ‘pênis’.

“O corpo era de barro, mas o **falo** era de madeira de lei e fixado pela base num eixo, de madeira que, quando se puxava uma cordinha por trás, ele subia e ficava ali em riste” (p. 16).

Vulva – s.f. ‘órgão genital feminino’.

“**vulva**”, “vagina”, “gruta do prazer”, “sexo túmido” e “penetrou-a bruscamente” (p. 19).

Vagina – s.f. ‘órgão que, na mulher e nas fêmeas dos mamíferos, liga a vulva ao útero.

“vulva”, “**vagina**”, “gruta do prazer”, “sexo túmido” e “penetrou-a bruscamente” (p. 19).

Gruta do prazer – loc. v. ‘órgão genital feminino’.

“vulva”, “vagina”, “**gruta do prazer**”, “sexo túmido” e “penetrou-a bruscamente” (p.

19).

Sexo túmido – loc. adj. ‘órgão genital feminino’.

“vulva”, “vagina”, “gruta do prazer”, “**sexo túmido**” e “penetrou-a bruscamente” (p. 19).

Viga tesa – loc. adj. ‘órgão genital masculino’. → ‘Órgão copulador masculino’. → ‘Pênis’.

“Chupei ele, engolindo tanto daquela **viga tesa** quanto podia engolir” (p. 30).

Hímen – s.m. ‘Dobra da membrana que fecha parcialmente o orifício externo da vagina’.

“Já estava pronta para fazer uma recuperação de minha condição vaginal, restaurar o **hímen**” (p. 33).

Pau – s.m. ‘Pênis’.

“A manobra de pegar no **pau**” (p. 34).

Bago – s.m. ‘Testículo’. → ‘Cada uma das duas glândulas sexuais masculinas, produtoras dos espermatozoides’.

“Aqueles homens nas portas das lojas, todos de branco e apalpando ou pinicando os **bagos**” (p. 36).

Cu – s.m. ‘ânus’. → ‘Bunda’. → ‘Nádegas’.

“Bonito **cu**” (p. 36).

“E ao **cu**, não me vais” (p. 43).

Clitóris – s.m. ‘Pequeno órgão erétil da genitália feminina’.

“Que apenas devia ter pago a entrada, a respeito do **clitóris** dela, de vibradores, de felação, de cunilíngua” (p. 45).

Púbis – s.m. ‘Parte anterior da base do osso íliaco’. → ‘os pelos que cobrem a região genital’.

“E minha saia chegou a subir um pouco, arrepanhada em frente a meu **púbis** pelo movimento dele” (p. 65).

Pica – s.m. ‘Pênis’. → ‘Falo’.

“Aquele **pica** grossa e macia pulsando dentro de mim, ai!” (p. 78).

Pau ereto – loc. adj. ‘Pênis enrijecido’.

“Oferecendo lindo seu **pau ereto** para que eu chupasse e molhasse” (p. 94).

Xoxota – s.f. ‘Vagina’.

“Uma **xoxota** magnífica com pentelhos arruivados e deixados á vontade” (p. 111).

Rabo – s.m. ‘As nádegas ou ânus’.

“Ficamos ambas de **rabo** para cima, para ele nos penetrar alternadamente” (p. 115).

Rola – s.f. ‘Pênis’. → ‘Falo’.

“Eles ficam olhando as **rolas** um do outro” (p. 117).

Vergalho – s.m. ‘Pênis’. → ‘Falo’.

“**Vergalho** imenso em riste” (p. 128).

Boceta – s.f. ‘Vagina’.

“Aquele **bocetão** irresistível, na penumbra em torno de meus olhos” (p. 137).

5.2. Microcampos: das ações

Ir para a cama – loc. s. ‘manter relação sexual’.

“Chamava Castro Alves de Cecêu como se houvesse **ido para a cama** com ele” (p.21).

Estupro – s.m ‘violar sexualmente’.

“Então veio o **estupro**, um inegável **estupro**” (p. 28).

Orgasmo – s.m ‘Momento de maior excitação e clímax do prazer sexual’.

“Puxei a cabeça dele de novo e entrei em **orgasmo** nessa mesma hora” (p. 29).

Prazer – s.m ‘Satisfação sexual’.

“Com **prazer** enormíssimo em fazer tudo isso minuciosamente, eu gozava outra vez” (p. 30).

Gozar – v. ‘Atingir o orgasmo na relação sexual’.

“Resolvi que tinha que montar na cara dele, cavalgar mesmo, cavalgar, cavalgar e aí **gozei** mais não sei quantas vezes” (p. 30).

Trepar – v. ‘ter relações sexuais’.

“Nós saíamos para pescar na canoa dele e **trepávamos** nus no meio do mar” (p. 31).

Masturbar – v. ‘Praticar masturbação (em alguém ou si próprio)’. → ‘Excitação dos órgãos sexuais ou de outras zonas erógenas, com o objetivo de alcançar a satisfação sexual.

“É capaz dessa história de onanismo querendo dizer **masturbação** haver sido inventada por eles” (p. 32).

Ejacular – v. ‘Lançar esperma de si; emitir’.

“Não foi se masturbar, mas **ejacular** no chão, em vez de empenhar devidamente sua cunhada viúva”.

“Já que fecho ecler, para machos mais ciosos de sua machidão, era coisa de **veado**, abrir com dedos habilidosos” (p. 34).

Dares-e-tomares – loc. v. ‘penetrar sexualmente’.

“Os homens consideravam de *rigueur* meter a língua nas orelhas das mulheres no começo dos dares-e-tomares” (p. 34).

Meter – v. ‘Penetrar sexualmente’.

“porque ele tinha medo de **meter** nela, havia muito homem assim, pelo menos na Bahia” (p. 35).

Comer – v. ‘Penetrar sexualmente’.

“Chegou ate conseguir que um namorado **comesse** um pintor veado em troca de quadros” (p. 35).

Dar – v. ‘Transar’.

“A gente **dava** para os americanos e não **dava** para eles” (p.39).

Foder – v. ‘Ter relações sexuais com’.

“Aliás, **fode-se** muito bem em Portugal” (p. 42).

Suruba – s.f. ‘Sexo em grupo de três ou mais pessoas’. → ‘Bacanal’. → ‘Orgia’.

“As vezes norminha e eu até amávamos umas **surubinhas**” (p. 47).

“Americano até hoje não tem uma boa palavra para “**suruba**”” (p. 47).

Engravidar – v. ‘Ficar ou fazer ficar grávida’. → ‘Emprenhar’.

“Pois havia também o medo de **engravidar**”.

Ereção – s.f. ‘Erguimento ou enrijecimento do pênis’.

“A **ereção** não foi planejada para acontecer quando se este concentrado num problema técnico” (p. 52).

Tesão – s.m e f. ‘Vivo desejo sexual’

“Evidente que é natural, a maior parte das pessoas passar pelo menos uma fase de **tesão** no irmão ou na irmã” (p. 53).

Enrabar – v. ‘Método anticoncepcional’. → ‘Penetração anal’. → ‘Penetrar sexualmente’.

“Apesar de já haver métodos anticoncepcionais, o mais seguro era mesmo **enrabação**” (p. 57).

Desvirginar – v. ‘Tirar a virgindade’. → ‘deflorar’. → ‘desflorar’.

“Segundo, e mais relevante, é que eu acho que eu tinha uma fantasia de meu **desvirginamento**” (p. 58).

Deflorar – v. ‘Fazer perder a virgindade’. → ‘desvirginar’. → ‘Desflorar’.

“Não só os homens tinham medo de **deflorar** as moças, mesmo quando elas imploravam” (p. 61).

Esporrar – v. ‘Cobrir de esperma’. → ‘cobri de espermatozoide’.

“Me senti mulher, me senti fodida, me orgulhar de ter sido **esporrada** em meio a meu sangue” (p. 75).

Punheta – s.f. ‘masturbação masculina’.

“Tinha um jeito de bater **punheta** para gozar” (p. 94).

Prevaricar – v. ‘Cometer adultério’. → ‘infidelidade conjugal’.

“Não existe ninguém razoavelmente normal que não pense, ou tenha pensado, em **prevaricar**” (p. 102).

Perverter – v. ‘Adulterou-se’. → ‘Desvirtuar’.

“Adorava **perverter** aquelas peruas cheirosas de cabelos armados” (p. 108).

Sexo grupal – loc.adj. ‘suruba’. → ‘Sexo em grupo de três ou mais pessoas’.

“Mas a verdade é que a grande maioria das fantasias como o **sexo grupal**, quando vivida, é um saco” (p. 118).

Libido – s.f. ‘Instinto sexual no sentido amplo de instinto vital’.

“Câncer é a doença do reprimido, da **libido** encarcerada” (p. 141).

5.3. Microcampos: dos comportamentos

Libertina – adj.f. ‘Que leva uma vida voltada para os prazeres do sexo; devasso, desregrado’.

“O título que eu ia botar era “Memórias de uma **libertina**”” (p.18).

Sacana – adj. ‘Libertino’. → ‘Que leva uma vida voltada para os prazeres do sexo’; Devasso.

“Aquele projeto de negrão, aliás, sabia que tinha sido chamado para **sacanagem**” (p. 28).

Putá – s.f. ‘Prostituta’. → ‘Mulher de vida desregrada’. → ‘Libertina’.

“Eu lhe dou um banho-de-gato, **Putinha**” (p. 36).

5.4. Microcampos: dos praticantes

Rapariga – ‘meretriz’ → ‘mulher que pratica o ato sexual por dinheiro’. → ‘Prostituta’.

“Você sabe que meu avô mandou capar ele, porque ele se ousou com uma **rapariga** dele” (p. 28).

Amante – adj. ‘Pessoa que mantém com outra relações sexuais fora do casamento’.

“O fato é que **amantes**, concubinas e por aí vai são bastante contraditórias no velho testamento” (p. 32).

Concubina – s.f. ‘mulher que vive com um homem, sem ser casada com ele’.

“O fato é que amantes, **concubinas** e por aí vai são bastante contraditórias no velho testamento” (p. 32).

Cortesã – s.f. ‘prostituta que leva vida luxuosa’

“Não sei se você sabe, mas as hetaira, as **cortesãs** da Grécia antiga, davam a bunda, preferencialmente” (p. 57).

Prostituta – adj. ‘Mulher prostituta’. → ‘Meretriz’. → ‘Marafona’.

“Achava que mulher dele era para fazer aquela coisa nojenta, própria das mais baixas **prostitutas**” (p. 60).

Vagabunda – adj. ‘mulher de maus costumes’. → ‘que vagueia’. → ‘Que anda sem destino’.

“Se ele quisesse aquilo, ia procurar uma **vagabunda** na rua, não sua própria mulher” (p. 60).

Devassa – adj. ‘Que é libertina’. → ‘licencioso’.

“E ele se sente fêmea, **devassa**, puta” (p. 131).

5.5. Microcampos: dos ambientes de prática sexual

Motel – s.m. ‘Hotel para encontros amorosos’.

“Acho **motel** sem graça, sem nenhum condimento” (p.33).

Bordel – s.m. ‘Casa de prostituição’. → ‘Prostíbulo’. → ‘Lupanar’.

“Agente tinha de ensinar tudo, por que eles nem sabiam beijar direito, achavam chupão com língua uma coisa praticada exclusivamente em **bordéis** franceses” (p. 44).

Puteiro – s.m. ‘Casa de prostituição’. → ‘Prostíbulo’.

“Que era que ela estava pensando? Em que **puteiro** aprendera aquilo” (p. 60).

6. Para término de conversa

A língua é sem dúvida um instrumento de manifestação cultural que representa as vivências dos falantes e do meio social em que vivem não importando a temporalidade histórica.

Fazer estudos do léxico nos possibilita descobrir línguas e escritas que fixam os indivíduos dentro de uma comunidade social no seio de uma cultura Mandel (1988, p. 169).

O *corpus* literário “A casa dos budas ditosos” do escritor João Ubaldo Ribeiro nos permitiu caminhar pelos campos léxico-semânticos da sexualidade e verificar as diversas lexias que permeiam pelos espaços do experimento humano.

Em suma, estudar o léxico é compreender como as coisas e as pessoas estabelecem uma relação com a realidade sociocultural em de-

terminadas épocas a partir da língua, assim, “Nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge como a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, ditas em tempos imemoriais por um poder divino” (BIDERMAN, 1998, p. 84).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *Contribuição para o estudo do campo semântico “trabalhador” no português arcaico*. 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.

_____. (Org.). Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.

CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELO FRANCO, Francisco Manoel de. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANNI, O. Língua e sociedade. In: VALENTE, André (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MIRANDA, M. *Agentes denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RIBEIRO, João Ubaldo. *A casa dos budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad.: J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.